



Biograph



“POR QUE DIREITO?”: CONTEXTOS DE UMA ESCOLHA ,O QUE DIZEM AS NARRATIVAS DIGITAIS DOS UNIVERSITÁRIOS?

Éverton Neves dos Santos
UFSCAR- everton.neves@unemat.br

Filomena Maria de Arruda Monteiro
UFMT- filarruda@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente estudo traz um recorte dos dados apresentados na pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, com o título “Experiências Pessoais e Formativas de Jovens Universitários no Curso de Direito: *Vademecum*, Vem Comigo”, na qual tenta compreender como os relatos dos estudantes, via dispositivo digital, pode ajudar a entender as influências na escolha do curso pelos participantes da pesquisa.

Entendo que, nós, educadores, sabemos muito pouco sabemos sobre os jovens que concluem o Ensino Médio e são aprovados no vestibular, estes que sonham e adentram o afamado Curso Superior, em nosso tempo-lugar, do interior do interior do Brasil, especificamente interior de Mato Grosso: Diamantino.

De tal modo, como educador, tanto da educação básica e superior, as trajetórias de vida, as memórias e experiências dos jovens que chegam às universidades, seus anseios, seus dramas, seus olhares, sentidos, intenções, aspirações e expectativas enquanto estudantes em busca de novos horizontes na seara jurídica, provoco-me.

Nas universidades é cada vez mais verificável que “há uma diversidade de sujeitos que se torna cada vez mais evidente em nossas universidades

(CORROCHANO, 2008, p.24)”, tanto pelas políticas públicas de acesso à Educação Superior, bem como pelas implicações do mercado de trabalho, sociais e culturais. Assim, compreender as experiências pessoais e formativas do jovem universitário como protagonistas (DAYRELL; GOMES, 1997) são vitais para a formação e melhoramento da educação superior.

Mas, o que é ser jovem? São várias as teorizações com contornos biológicos, bio-psíquicos, educacionais, trabalho e políticos, mas entendo melhor trilhar pelo conceito de que jovem é fruto da construção humana, diferenciando-se conforme o contexto social e aportes teóricos de Abramovay e outros:

[...] a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipo, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES, 2007, p. 21).

A pesquisa foi realizada no Curso de Direito da UNEMAT-Universidade Estadual do Estado de Mato Grosso. Diamantino é uma cidade localizada no interior do Estado de Mato Grosso, distante a 204 quilômetros de capital Cuiabá-MT, com uma população de 19.206 habitantes, conforme dados do IBGE/2010.

Diante das travessias, da sinuosidade do itinerário e das paisagens vislumbradas, trabalharei com aproximações da Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2006; 2011) como caminho teórico-metodológico, de modo que pretenderei compreender a experiência vivida, por meio de histórias e da composição de sentidos (ELY *et al.* 2001). De modo que a realidade apresentada é uma representação de cada participante:

A realidade são representações construídas na interação humana em função de sua percepção de uma situação social.

Essas representações modificam-se acompanhando as mutações sociais e o desenvolvimento do indivíduo, adequam-se aos espaços e aos lugares por eles ocupados [...] As vidas são textos passíveis de revisão, exegese, reinterpretação. Ao interpretar a vida não se nega um “texto” anterior, mas sua interpretação. [...] não se busca obstinadamente a “verdade objetiva”, pois se tem consciência de que a “realidade” passa, obrigatoriamente, pela mediação de sistemas simbólicos, constitutivos do imaginário social, que é, por sua vez, subjetivado pelos indivíduos.(PASSEGI, 2010, p. 112)

Assim, tal pesquisa desperta novas possibilidades à Educação Superior, na medida em que no entrecruzar das experiências pessoais e formativas dos jovens universitários, se pergunta: como os relatos dos estudantes, via dispositivo digital, pode ajudar a entender as influências na escolha do curso?

O uso do meio digital é emergente nas pesquisas, de sorte que tais “narrativas digitais” é tema jovial nas pesquisas educacionais, ainda mais quando se trata de rede social *WhatsApp*. Santos (2013, p. 9) arremata que o *WhatsApp* é rede social, um aplicativo de mensagens, servindo-se para “comunicar e interagir com o outro”, acessível em rede *wifi*, no qual pela multiplataforma podem ao mesmo tempo enviar e receber mensagens de textos, áudios, vídeos e imagens

Diante deste contexto, no presente artigo apresento considerações sobre a Pesquisa Narrativa e seu contexto e, após, os eixos aqui chamados de 1 e 2, quais sejam: “ Vidas, Tempos e Escola, no qual demonstra experiências de vida e no/do percurso escolar”; e “Tempos, contextos de uma escolha, trata do papel da família, das inspirações, o *status* e o afetos”.

A PESQUISA NARRATIVA EM MEIO DIGITAL

Assim, tal pesquisa desperta novas possibilidades à Educação Superior, na medida em que no entrecruzar das experiências pessoais e formativas dos jovens universitários, por meio de um ambiente de vivências com/para o outro ecoará as vozes para a emancipação do sujeito, por intermédio de um diálogo construtivo que desperte a curiosidade epistemológica.

Trabalhar com narrativas enquanto ação humana é entender que elas estão inscritas na história das pessoas desde muito cedo e é por esse motivo que é possível a aceitação do fato biográfico como uma “representação mental”. Por outro lado, é durante a narração escrita dessas histórias que ele toma forma, materializa-se e acaba por se tornar determinante no ato de construir a subjetividade e de socializar (PASSEGI, 2010, p. 119). Complementando tais ideais, Passegi ainda acrescenta:

É importante lembrar, mais uma vez, que não são os fatos vividos, em si mesmos, que importam, mas a simbolização desses fatos pela ação das narrativas, sua circulação entre os membros do grupo, o modo como são contadas e recontadas para si mesmo e para o outro. É possível admitir com Bronckart (1999, p. 62) que “é por meio da interpretação dos discursos narrativos que o funcionamento psíquico humano se expande se enriquece e se reestrutura perpetuamente”. (PASSEGI, 2010, p. 119)

As ideias de Clandinin e Connelly (2011) destacam veementemente o caráter tridimensional da pesquisa narrativa. Alicerçados na concepção de experiência de Dewey, Clandinin e Connelly defendem que o tempo é a primeira dimensão, já o individual e o social constituem uma segunda e o lugar forma a terceira dimensão.

Para os autores, o pesquisador sempre se movimenta nesse espaço, ou seja, age de modo introspectivo, extrospectivo, retrospectivo e prospectivo. Ademais, estará ele sempre situado em um lugar e faz isso a partir da ideia de que a experiência é contínua (sempre

surge uma próxima experiência), individual e social ao mesmo tempo (caráter de interação da pesquisa narrativa). (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 84)

Cabe ao pesquisador, na pesquisa narrativa, o trabalho de detalhar e reorganizar as ideias. É papel dele, também, a escrita e a reescrita de tudo o que ouviu, sempre buscando a melhor reinterpretação dessas memórias.

A disposição em ouvir e analisar tais experiências é ressaltada e valorizada por Larrosa ao dizer que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.40)

É neste contexto que foi enviado convite para cada participante integrar um Grupo do *WhatsApp*, em que possam escrever sobre suas memórias, trajetórias e reflexões que permeiam o antes e depois da entrada no Curso de Direito e nesta pesquisa, bem como maior interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa.

As narrativas digitais é tema emergente nas pesquisas educacionais, ainda mais quando se trata de rede social *WhatsApp*. Santos (2013, p. 9) arremata que o *WhatsApp* é rede social, um aplicativo de mensagens, servindo-se 'para "comunicar e interagir com o outro", acessível em rede *wifi*, no qual pela multiplataforma podem ao mesmo tempo enviar e receber mensagens de textos, áudios, vídeos e imagens.

De tal modo, nosso intuito, em ambiente virtual rotulado como informal, é oportunizar discussões, diálogos, de forma livre, a assuntos relacionados à nossa pesquisa, durante a conversação.

Assim, “negociando”, estudando e compreendendo o contexto das Pesquisas Narrativas, resolvi lançar luzes ao desconhecido tema e como as vivências demonstraram que os participantes são jovens conectados aos recursos midiáticos (celulares, computadores e outros meios), fui atraído pelos possíveis cenários.

Pois bem, o termo “Narrativa Digital” é poroso, já que está em construção, agregando toda pesquisa em meio digital, pelos contextos tecnológicos e midiáticos. É mais um espaço para o processo identitário, para historiar e ativar a memória, mesmo se considerarmos as redes sociais como um mosaico, fragmentos de nossas identidades, nossas verdades, nossas faces de ser humano (MURRAY, 2003, p. 155).

Esse ciberespaço transforma-nos em “metamorfose ambulante” no que diz respeito ao tempo-espaço e a narrativização dos nossos “eus”, da sua vida e experiência do cotidiano. A respeito disso, explicita Lévy (1996, p. 22-23):

[...] cada ‘máquina’ tecnossocial acrescenta um espaço-tempo, uma cartografia especial, uma música singular a uma espécie de trama elástica e complicada em que as extensões se recobrem, se deformam e se conectam, em que as durações se opõem, interferem e se respondem. A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte [...]

Decididamente, o WhatsApp é mais uma maneira de se produzir um texto escrito na sua fusão com as outras linguagens, algo que transforma a escrita e os seus potenciais, possibilitando novas visões, novos sentidos com essa juventude em meio às vidas.

Nessa modalidade de entrevista, as questões acabam por servir aos interesses do pesquisador, com o intuito de que as provocações feitas por eles gerem narrações dos participantes da pesquisa. Nelas, a ideia é sempre permitir que o participante siga com sua narrativa, é preciso deixar que ele conte a sua história da forma mais espontânea possível.

Nessas entrevistas, em regra o pesquisador faz perguntas que abrem espaço para uma longa conversa com o entrevistado, de modo que ele consiga contar sua trajetória pessoal e de formação.

Explicada a metodologia da pesquisa narrativa – associada à técnica das entrevistas narrativas – passamos agora a considerar a importância da Experiência, Juventude, Universidade e Educação Jurídica e os pressupostos teóricos da Pesquisa Narrativa para o presente estudo.

JUVENTUDE E EXPERIÊNCIA

As teorias tentam categorizar, sistematizar e conceituar a juventude, o ser jovem tem variadas silhuetas, com relevos biológicos, bio-psíquicos, educacionais, trabalhistas e políticos, mas entendo melhor trilhar pelo conceito proposto por Aguiar e outros (2007, p. 168), no sentido de que jovem é furto da construção humana, diferenciando-se conforme o contexto social, bem como nos aportes teóricos de Abramovay e outros (2007, p. 21): “[...] **a juventude**, por definição, **é uma construção social**, ou seja, **a produção de uma determinada** sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens (...)”. (Grifo Nosso)

Não é minha intenção propor um Estado do Conhecimento (Estado da Arte) sobre as pesquisas sobre os jovens, a juventude, no entanto, acredito que são pertinentes neste espaço/tempo algumas ponderações sobre os principais trabalhos realizados, já que os participantes da minha pesquisa são os jovens universitários e não há, em que pese existir uma diversidade bibliográfica de olhares desde 1990, uma produção teórica consubstanciada e desfragmentada “[...] de uma área analítica específica que focalize o jovem universitário [...]” (CARRANO, 2002, p.149).

Distintos são os recortes desses estudos, mas imperioso (e sou testemunha) destacar que na atualidade os jovens estão atentos e se preocupam com o futuro, sua trajetória pessoal e profissional, tanto o é que Abramo e Blanco (2005)

apontam em pesquisa que os itens educação e vida profissional tem destaque garantido em suas aspirações futuras.

É nesse contexto que o jovem contemporâneo, em que a fluidez é marca, é pressionado por tornar-se universitário para ascender profissionalmente, em busca da sonhada mobilidade social, aspirações pelas vantagens sociais, relevando o conflito dos *outsiders* e estabelecidos, em um reconfigurar “entre os nós e o eles na encenação de jogos de poder” (ELIAS, 2000, p. 33), também visíveis na constituição dos cursos universitários cada vez mais atrelados ao mercado de trabalho (CHAUÍ, 2001).

Diante dessa tessitura, imprescindível compreender as relações das experiências são relevadas nas narrativas e influenciam de algum modo na escolha do Curso.

A experiência aqui é entendida como Experiência deve ser entendida como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca” (LARROSA, 2002, p. 21). Pondero, ainda, que é “[...] algo que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido [...] (LARROSA, 2002, p. 27), portanto é algo singular, particularizado, pois são experienciados cada um a sua maneira, já que pela subjetividade o que é comum para mim pode não ser pra o outro.

Nesta esteira, Larrosa colaciona componentes fundantes da noção de experiência e dois merecem ser destacados, quais sejam: dimensão de travessia e de perigo. Estes podem ser verificar pela semântica da palavra, conforme ensina Larrosa (2002, p. 25): “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”.

Enquanto sujeitos das experiências, imersos no mundo globalizado em que cada dia é mais raro um tempo para observar, olhar, perceber e perceber-se, com atenção e paciência, tanto pela inundação de informações e opiniões, excesso de trabalho e escassez do tempo, ficamos reféns, pois “cada vez mais tempos menos tempo”, [...] a falta de silêncio a e de memória são inimigas mortais da experiência.” (LARROSA, 2002, p. 23).

VIDAS, TEMPOS E ESCOLA

A instituição de ensino que oportunizou tal pesquisa, qual seja Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* Diamantino-MT. Entender o espaço-tempo de sua constituição, legitimação e o enredo atual de suas práticas é fundamental para compor o espaço tridimensional da Pesquisa Narrativa.

Mas, quem são os participantes? Apresento uma tabela, com o pseudônimo de cada um deles, a idade, local onde nasceram e a modalidade de ensino a que tiveram acesso. Isso facilitará uma noção prévia a respeito de quem formou o *corpus* desta pesquisa.

Tabela 1: Dados dos participantes

Nome (Pseudônimo)	Idade	Naturalidade	Domicílio	Modalidade de ensino
Arthur	17	Nortelândia/MT	Nortelândia/MT	Pública
Pitty	18	São José do Rio Claro/MT	São José do Rio Claro/MT	Particular
Álvaro	18	Resplendor/MG	Diamantino/MT	Pública
Maria	18	Ibirubá/RS	Diamantino/MT	Pública
Joana	22	Rosário Oeste/MT	Rosário Oeste/MT	Pública
Lilian	22	Cuiabá/MT	Diamantino/MT	Pública

Fonte: Dados da pesquisa levantados pelo autor, 2015

O primeiro participante é **Arthur**¹, que se apresentou: *Tenho 17 anos, nasci, fui criado e moro atualmente em Nortelândia – MT. Tive uma infância normal, contudo, desde que me lembro, meus pais me incentivaram a criar o hábito de leitura. Meu pai é formado em Ciências Contábeis (acho que está terminando a pós graduação dele) e minha mãe estudou, somente, até o término do ensino médio. Meu pai espera que seus filhos estudem, passem em um concurso público (assim como ele) e desfrute o resto da sua vida com sua esposa e filhos.*

¹Aqui, omitiu-se o nome verdadeiro do estudante, que doravante será identificado pelo pseudônimo “Arthur”.

A segunda participante é **Pitty**², que, naquela ocasião, apresentou-se *sou uma ariana completa se , me enquadro em todos os quesitos do meu signo, sou mandona, apaixonada intensamente por tudo que faço, teimosa e cabeça dura . Nasci em São José do Rio Claro onde vivo atualmente, minha mãe é enfermeira, uma das primeiras enfermeiras padrão de São José , nasci e cresci aqui, sou filha única e sempre tive uma relação muito boa e clara com minha mãe, ela sempre converso muito comigo em relação ao que é certo e errado, sexo, drogas e entre outros assuntos, sempre confiando em mim e não me proibindo de nada dando apenas escolhas e me mostrando as consequências, acho que fiz a maioria das escolhas certas graças as orientações dela .*

O terceiro participante é **Álvaro**³, que assim se definiu: *Meu nome é Álvaro, tenho 18 anos. (...) Minha infância foi dividida em dois países: Estados Unidos e)Brasil. Nos Estados Unidos passei 4 anos da minha infância, dos 4 aos 8 anos. No Brasil, passei uma parte da minha infância em Resplendor, minha terra natal, e mudei para São José do Rio Claro, cidade na qual vivo hoje. Meu pai é proprietário de uma fazenda e é agropecuário e minha mãe é dona de casa. Ambos só estudaram até a quarta série. Meus pais sempre falaram que é para eu estudar para ter uma vida diferente da que eles tiveram. Sempre tive muito contato com o campo, sempre gostei dessa vida de fazenda, mas gosto para passear e não me vejo, de jeito nenhum, cuidando dessas coisas no futuro. Eu gosto é da cidade, gosto de tecnologia, de ter tudo por perto e na fazendo isso não dá.*

A quarta participante é **Maria**⁴. *Meu nome é Maria*⁵, *tenho 18 anos. Nasci em Ibirubá, no Rio Grande do Sul. Sou uma pessoa dedicada, inteligente, amiga, estudiosa e perfeccionista. Atualmente moro em Nova Mutum, no qual passei minha infância inteira. Foi uma fase maravilhosa que infelizmente passou muito rápido. Fui uma criança muito brincalhona e estudiosa desde cedo. Lembro que gostava muito de fazer as tarefas e quando terminava, minha mãe deixava eu brincar à vontade. Ela me conta que eu tinha amigas imaginárias, que sempre falava com elas pelo telefone. Eu amava brincar de boneca, até roupas eu fazia pra elas, acredita? (risos)*

² Aqui, omitiu-se o nome verdadeiro da estudante, que doravante será identificada pelo pseudônimo "Pitty". Segundo a participante o nome é "[...]" por causa cantora... é minha referência. Sei todas dela, gosto, é bem profunda, doidinha como eu, num bom sentido neh...(risos). Sabe as músicas dela? Pulsos, Sete Vidas, Me adora, Memórias, Boca Aberca e claro. tem Teto de Vidro.

³ Aqui, omitiu-se o nome verdadeiro da estudante, que doravante será identificada pelo pseudônimo "Álvaro".

⁴ Pseudônimo

⁵ Pseudônimo

Meu pai tem 46 anos, ensino fundamental incompleto, trabalha em uma fazenda há 25 anos. Minha mãe tem 39 anos, ensino médio completo, trabalha administrando os imóveis que possuímos para alugar. Sei que a vida do meu pai não é fácil e minha mãe também corre atrás para nos proporcionar uma vida melhor. Meus pais se esforçam muito para dar um futuro melhor para mim e meu irmão mais novo (14 anos).

A quinta participante é **Joana**⁶: *Meu nome é Joana, tenho 22 anos. Nasci e cresci na cidade de Rosário Oeste, onde passei toda a minha infância. A cidade é pequena, mas fui tão feliz lá, que até me emociono quando lembro da minha infância. Qual a preocupação que uma criança tem, professor? Comer, estudar e dormir? (risos). Pra mim, ser filha de professora era quase um peso, uma estigma, acredita? A impressão que eu tinha era de que todos podiam errar, menos eu. O povo logo falava “Nossa! A filha da professora não fez a tarefa? Sua mãe sabe disso? Eu era apenas uma criança, a professora era minha mãe e não eu. Isso me chateava, de verdade. Como disse, sou filha de professora e meu pai é técnico em contabilidade. Pelo fato de minha mãe ser professora, com relação aos estudos sempre foram muitos rígidos quanto ao nosso aprendizado, pois não aceitava de forma alguma que reprovássemos.*

Por fim, a sexta participante é **Laís**⁷: *Estou com 22 anos e nasci em Cuiabá/MT, em 05/10/1992. Tenho dois irmãos gêmeos, ambos com 27 anos. Passei o início da minha infância em Cuiabá, mas logo minha família e eu nos mudamos para Rondonópolis/MT. Lá estava boa parte de minha família materna e a família do meu pai é toda de São Paulo. Hoje sou formada em Letras e estou cursando Direito já como segunda graduação.*

Sou filha de uma professora aposentada da rede pública estadual. Quando trabalhava, minha mãe lecionava as disciplinas de História, Ensino Religioso e Artes. Já meu pai – que também era professor – ministrava aulas de biologia e matemática também na rede estadual. Minha mãe começou a trabalhar muito cedo e, aos 48 anos já estava aposentada. Meu pai também iniciou precocemente, mas, devido a um problema de saúde, meu pai foi perdendo a audição, teve de ser afastado da sala de aula e passou a trabalhar na biblioteca da escola onde lecionava. Por isso, acabou se aposentando recentemente, já aos 65 anos de idade. Me lembro de sair da minha escola, que era perto da escola onde ele

⁶ Pseudônimo

⁷ Pseudônimo

trabalhava, ir até ele e sempre o via com livros na mão, pois gostava muito de ler. Ele adorava me contar sobre a história política do Brasil e sobre alguns personagens da literatura universal e brasileira.

Experienciando com os jovens participantes, as narrativas deixam às claras que no itinerário de suas vidas, a família e escola são fundamentais, a uma relação entrecruzada entre tais instituições, implicando decididamente na identidade de cada jovem e de como compreender o modo de vida, as escolhas e quereres.

TEMPOS, CONTEXTOS DE UMA ESCOLHA: PELAS PAISAGENS DAS NARRATIVAS DIGITAIS

Tempo aqui é entendido como àquele que não coincide com os ponteiros do relógio-concepção de tempo *khronos*. Nossos tempos são plurais, diferentes, opostos, obtusos, fluídos, concentrados, com porosidade e modulações descontínuas, sendo imprevisível, não há controle, imetrificável. Apenas acontece, é o vivido!

Nas narrativas há uma marca no tom do discurso: “ser alguém na vida”, depositando no curso superior, no caso o de Direito. A aposta é lançada nos estudos para o sucesso pessoal e profissional.

Mas, entendo que tal expressão em verdade está carregada de sentimentos, de quereres, não só do jovem, mas de toda uma família, da luta das marcas que ficam na história de vida de cada um.

Outro ponto, não menos importante, é a inspiração atrelada ao *status* social permeado pelos cenários do curso de Direito, isto é os cenários jurídicos, em especial trajes e rituais. É o que compreendemos da narrativa de Maria: “[...] sempre achei bonito ver aquelas pessoas usando toga[...]”.

Os registros imagéticos, ditos como símbolos, tais o terno, a gravata, a roupa mais formal, o ritual da audiência, o Júri, a toga, um jeito peculiar na linguagem despertam certa curiosidade, a postura, para alguns inspiração e status. Tais elementos demonstram uma forma de ver o mundo, de vestir-se e portar-se no meio social.

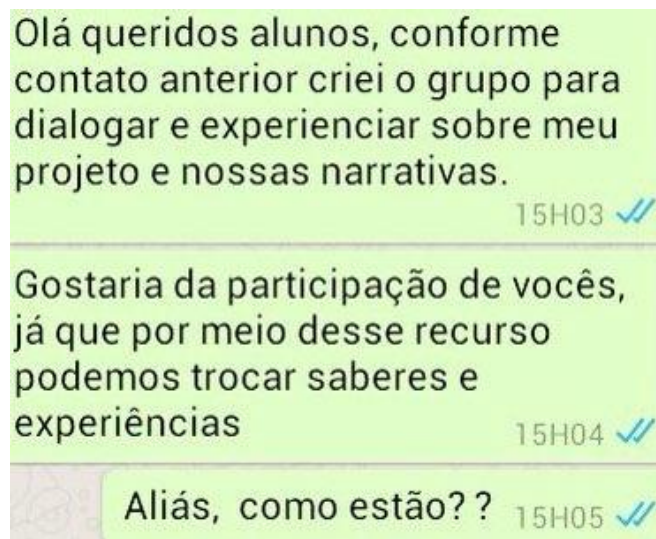
Noutro trecho a narrativa desenrola: “Tinha uma vizinha que era advogada, sempre arrumada, muito lindo...pensei que todo mundo na universidade andava de social, na estica” (risos).

Ainda, convém destacar: “[...] a semana jurídica que tivemos em nossa faculdade, na qual aprendemos muitas coisas a partir das palestras de pessoas renomadas. Ver tantas pessoas elegantes e bem sucedidas me fez ver que eu não estava errada ao escolher direito. Que se eu queria sucesso, respeito, reconhecimento e dinheiro, Direito era o caminho, mas um caminho bem difícil.

Por isso, Veras (2008, p. 55) insculpe que desde o início da formação os jovens estudantes tem contato com uma cultura jurídica tradicionalista que “[...] repercute em seus estilos de vida, desejos e sonhos”. E vai além ao enfatizar que “Os futuros bacharéis preferem gestos contidos, cumprimentos formais[...]”.

Usaremos neste ponto as narrativas digitais, por meio do grupo da rede social WhatsApp criada com os participantes da pesquisa para troca de experiências e narrativas.

Figura 1: Recorte 1- diálogo no grupo de WhatsApp



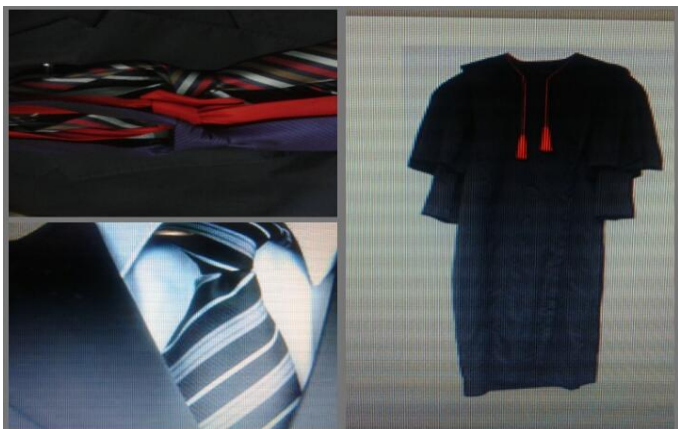
Fonte: Diálogo ocorrido em novembro de 2014

Dentre outros assuntos e narrativas realizadas pelo meio digital, destaco neste ponto o que uma das participantes disse a respeito de seu sonho e interesses sobre a vestimenta e o tal “glamour” da área jurídica , veja:

Figura 2: Recorte 2- diálogo no grupo de WhatsApp

Gosto mto do curso de direito eu
estou estudando e qro concurso de
juizqro uma toga dessa aí.....fácil
sei q não ébora lutar comer livro
neh.rs

0H07



Fonte: Diálogo ocorrido em novembro de 2014

Importante explicitar que no diálogo inserido na figura acima (Figura 2), a participante primeiro envia uma imagem de uma modelo que após é aprovada em concurso de juíza e somente após enviei a imagem da toga (vestimenta usado pelos juízes em atos ordinários), narra do seguinte modo “[...] viu, ela era modelo, linda, maravilhosa, e juíza, nossa, isto que é poder. Depois mandei a o modelo da toga e umas imagens da gravata que faz parte dos acessórios usados no mundo jurídico”.

A vestimenta em si, pode circunscrever o ser na criação de um personagem, uma nova identidade. De modo que para “ser estudante de direito” há o dever de usar roupas

formais e em cores neutras. Os dizeres de Larrosa (2004, p. 167) sobre Júlio Cortazar tem relação com esta crença: “gostava de se olhar no espelho com a gravata no pescoço, porque isso lhe dava a sensação de que um senhor de gravata tem de ser um senhor estupendo [...]”.

Figura 3: Recorte 3- diálogo no grupo de WhatsApp

Muito glamour..chik...o curso de direito as vezes oarece um desfile de mods..rs..mas faz parte do curso. .acredito q e tradicao..se a gente vsi ba audiência no forum e assim.. duvido encontrar um advogado. Juiz..e tal de chinelo e tdo bem vestido e nos seguimos..bem por aí

0H39

Fonte: Diálogo ocorrido em novembro de 2014

Este prestígio mencionado nas narrativas dos participantes é visto no discurso teórico de Vargas (2010, p. 112) que menciona que “as profissões de alto prestígio estabelecem toda uma atividade de preservação de *status* [...]”, de sorte que a profissão, por si só, é o melhor indicador do *status* social entre os indivíduos.

Sob este ângulo, pode-se afirmar que a educação implica em uma perspectiva estratégia vital para manutenção ou melhoramento do *status* social, do poder (dentre os quais destacam-se o econômico e social), comportando-se como uma variável para a posição no meio social, prestígio. Por tal motivo os cursos com maior concorrência nos vestibulares ainda são aqueles que gozam do mais alto prestígio social, dentre os quais o Bacharelado em Direito (QUEIROZ, 2001).

Como dito antes, o Curso de Direito é qualificado como tradicional, elitizado, sendo na história “[...] fundamental que os filhos das elites estudassem e o curso mais recomendado era o de Direito, pois o país precisava de quadros para a vida pública.” (FAGUNDES, 2007, p.3). Os formados em Direito eram os primeiros valorizados, depois havia uma sequência:

Em seguida vinham os engenheiros, imprescindíveis para o desenvolvimento dos empreendimentos estatais ou privados relativos ao transporte, à mineração e aos grandes desafios da urbanização que processava, particularmente, no sudeste do país. Depois a medicina [...](FAGUNDES, 2007, p.3).

A motivação, inspiração para fazer o Curso de Direito são várias, perpassa pela família, mas por outros grupos e instituições, tudo depende da proximidade do jovem, sua identidade, experiências e vivências, suas interações sociais, seja pela concordância ou reconhecimento do diferente, quando se trata da escolha feita.

Figura 4: Recorte 4- diálogo no grupo de WhatsApp

Nao tinha incentivo do prof nao pro vestib...tipo..tem mais nao do que sim...e dificil vc nao ter apoio..quero ver em escola de rico se já ficam preocupados com aprovados no enem...q entram na faculdade saca...complicado..É aula vaga...isso tem mto aqui na universidade. .ate entendo pq os profs sao de fora..mas reposição como fica?

17:09

Fonte: Diálogo ocorrido em março de 2015

Um dos participantes, por meio do grupo da rede social, explicita acima a dificuldade da vida estudantil quando não há o apoio do professor: “[...] é difícil você não ter apoio [...]”

Vemos que mesmo em condição precária no Curso, com condições sócio-econômicas desfavoráveis e outros problemas, a força e o incentivo são ingredientes potentes para superar os entraves e garantir que os alunos continuem na caminhada. A

figura 11 demonstra que a boa relação aluno-professor oportuniza confiança: “[...] sinto confiante rola uma boa parceria.”, veja:

Figura 5: Recorte 5- diálogo no grupo de WhatsApp

Ah, tipo tem prof que e gente boa...ele ouvi conversa senta com a gente explica até a gente entender. Gosta de dar aula tem carinho con a gente a gente se sente igual isso e importante pq dai eu sibto mais confiante rola uma bia parceria

07:03

Fonte: Diálogo ocorrido em março de 2015

As narrativas convergem, em maior ou menor grau, para o mesmo contexto da experiência em Larrosa, no cuidado para aproveitar o tempo com significações e sentidos. Já que narram as experiências de sentirem-se integrados, em movimentos de pertencimento à Universidade. Veja esta narrativa digital:

Figura 6: Recorte 6- diálogo no grupo de WhatsApp

O começo achei dificil e complicado, . Era tudo tao novo, tao diferente. Ate porq eu nao gostava tanto do curso q estou fazendo. Fiz por conta de umas coisas q aconteceram e q eu queria entender.

O melhor momento ta sendo agr, to apaixonada pelo curso, apesar de ser bastante cansativo. To gostando mto.

Acho q esse semestre q passou q foi decisivo, porq a parte Criminal foi o mais interessante q achei.

15H24

E tbm teve o artigo q foi dificil, rum. Mais no fim valeu a pena

15H25

Fonte: Diálogo ocorrido em março de 2015

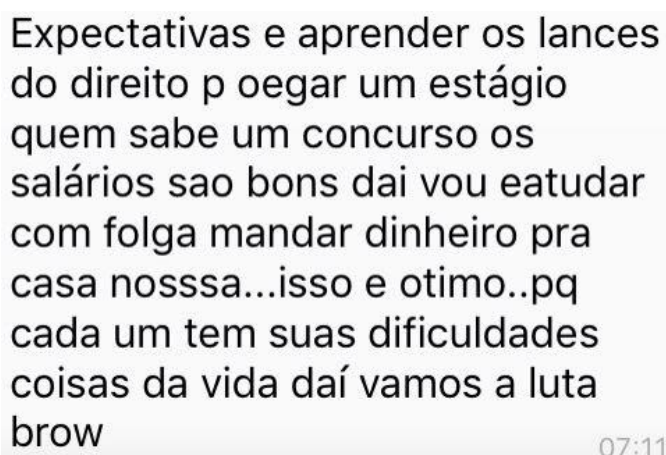
Na Universidade os jovens enfrentam desafios, desde os estudos do vestibular, a permanência nos estudos, o trabalho, as viagens da seu domicílio para a cidade em que localiza o *campus* universitário.

Pelas narrativas, vemos que Arthur decepcionou-se com algumas disciplinas ofertadas, pela incompletude e insuficiência, com outras ficou surpreso. Gostou da Universidade que suas pretensões já estão mudando, quer ser professor “dos bons”, pois acredita no papel que pode exercer, já que “pela palavra pode-se mudar o mundo”.

Com a mesma vivacidade, Pitty demonstra que está aprendendo a ser uma pessoa melhor e espera tornar-se uma boa profissional. Álvaro querendo ser alguém de respeito está na expectativa de aprender mais, de modo que já se considera mais responsável e com atitude de buscar realizar seus objetivos.

Maria testemunha que já adquiriu novos conhecimentos, nova rede de amigos e tenta se destacar nos estudos. No mesmo sentido, as narrativas de Joana deixam às claras que está estudando mais e se vê determinada. Laís, formada já em Letras, está vivenciando novas experiências e acredita em seu aprendizado significativo e relata nas marcas já deixadas por uma das professoras do Curso. Em meio ao novo, as expectativas são flagrantes, a Figura 13, testifica tal afirmativa.

Figura 13: Recorte 9- diálogo no grupo de WhatsApp



Expectativas e aprender os lances do direito p oegar um estágio quem sabe um concurso os salários sao bons dai vou eatudar com folga mandar dinheiro pra casa nosssa...isso e otimo..pq cada um tem suas dificuldades coisas da vida daí vamos a luta brow

07:11

Fonte: Diálogo ocorrido em março de 2015

As narrativas dos jovens participantes já no curso demonstram a diversidade de (re)significações, por exemplo a afirmativa que Arthur faz a respeito de utilizar-se do curso para ganhar dinheiro, no sentido de que nesta graduação há possibilidades maiores para aumento do poder aquisitivo, houve uma nova interpretação, já que pensa em ser professor.

Interessante é a composição e sentidos a partir das narrativas de Álvaro, já que menciona que “quero e vou ser alguém e respeito”, ao mesmo tempo em que tem consciência da necessidade de procurar conhecimento, caso contrário o curso em si não proporcionará nada: “não vira nada”. Neste mesmo sentido, Maria pondera da possível facilidade que há adentrar na universidade, sendo extremamente difícil o destaque na vida estudantil, a entrada no mercado e a garantia de um futuro promissor.

E não para por aí, Zago (2006) e Dubet (2008) apontam para as possíveis dimensões de êxito, os pontos de partidas distintos e oportunidades para os sujeitos, compõe cenários desafiadores para os jovens universitários. Os jovens participantes da pesquisa partem de histórias de vida diferentes, são famílias que passam por dramas, lutas, tramas, avanços e recuos em busca de oportunizar o melhor.

CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Sabemos da importância do sujeito no processo de formação, e participação ativa, no entanto é imprescindível tomar cuidado para responsabilizar o jovem, o sujeito, em detrimento de formulação de políticas públicas que garantam atendimento pleno na educação e demais direitos sociais.

Neste sentido, penso que a Universidade deve preocupar-se com “a sorte dos vencidos” (DUBET, 2008, p. 10), pois assim a educação verdadeiramente será para todos, respeitando a diversidade instalada em todas as universidades.

O ser jovem e universitário nas vivências e experiências demonstram sabores e dissabores em meio ao complexo educativo na Universidade, são realidades que ora corroboraram para os sonhos e anseios, em outros momentos nem tanto, porém

demonstram-se entusiasmados para encararem os desafios propostos nesta nossa fase da vida.

Cristalino que a motivação, inspiração para fazer o Curso de Direito são várias, perpassa pela família, mas por outros grupos e instituições, tudo depende da proximidade do jovem, sua identidade, experiências e vivências, suas interações sociais, seja pela concordância ou reconhecimento do diferente, quando se trata da escolha feita.

Assim, as narrativas nos ajudam a compreender que os jovens têm percursos nada lineares da vida pessoal e estudantil, as dificuldades da vida, o papel da família, dos afetos e desejos compõe vários sentidos os quais implicam na escolha do Curso e no modo de vivenciar/experienciar a universidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E.; ESTEVES, Luiz C. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: Brasília: UNESCO; MEC, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRAGANÇA, Inês. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica**. Revista Educação. v. 34.nº 2, p.157-164, 2011.

CARRANO, Paulo. **Estudantes universitários**. In: SPOSITO, M. Juventude e escolarização (1980-1998). Brasília. Mec,Compedi, 2002

CHAUÍ, M.S. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

CLANDININ, D. J.; ROSIEK, J. **Mapping a landscape of narrative inquiry**. In: **CLANDININ, D. J. Handbook of narrative inquiry: mapping a methodology**. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc., 2007.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. – Uberlândia, EDUFU, 2011.

CORROCHANO, Maria Clara. **O trabalho e a sua essência: narrativas de jovens do Programa Trabalho no município de São Paulo**. 2008. Disponível em<http://www.fflch.usp.br/ds/posduacao/sites/trajetorias/txts/Maria_Carla_Corrochano.pdf> Acessado em 20.março de2016.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100, out. 1997, p. 1105-1128.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. São Paulo: Nacional, 1972

DUBET, François. **O que é uma escola justa?:a escola das oportunidades**. Trad. Ione R. Valle. São Paulo: Cortez, 2008.

ELIAS, Nobert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELY, M; VINZ, R; ANZUL, M; DOWNING, M. **On Writing Qualitative Research: Living by words**. London and Philadelphia: Routledge Falmer, 2001.

LAROSSA, Jorge. Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In: LAROSSA, J.; SCLiar, C. **Habitantes de Babel**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2001. p.281-295.

_____. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga. Neto. 4. Ed. 2. Impressão. Belo Horizonte:Autêntica.2004.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. n. 19, jan/fev/mar/abr. 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996

PASSEGI, Maria da Conceição. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGI, Maria da Conceição. SILVA, Vivian Batista da (orgs). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PACHANE, Graziela Giusti; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. **A importância da formação didático-pedagógica e a construção de um novo perfil para o docente universitário**.Revista Iberoamericana de Educación. n. 33/4, 2004

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Raça, gênero e educação superior**. 2001. 320f.Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2001. Disponível em http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/ufba_tese_2001_DMQueiroz.pdf>. Acesso em: 29 janeiro 2016.

SPOSITO, Marília P. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola**. Revista USP, São Paulo, n. 57, p. 210-226, mar./maio 2002.

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior:** percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação. v 11.n. 32. Maio/agosto, 2006.